

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Redactor Principal
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Guilherme Gomes Fernandes, 20—TAVIRA

Director, Editor e Proprietario

Dr. JAIME BENTO DA SILVA

ASSINATURAS

Série de 12 Números 5\$00

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

ÉCOS E NOTÍCIAS

Movimento Religioso

No próximo dia 23 chega a Lisboa, sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira. Todas as organizações católicas da capital e, em especial, as operarias, preparam ao ilustre antistite uma grata manifestação.

É completamente justa essa manifestação, a que, em nosso entender, se deviam juntar os dirigentes da Nação e todos os portugueses, atendendo ao alto prestígio internacional de Sua Eminência que foi indigitado como futuro Papa em bastantes meios católicos, especialmente, nos franceses.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o programa das Festas da Semana Santa que este ano se realizam em Faro.

A Comissão encontra-se animada da melhor boa vontade, fazendo nós votos para que seja bem sucedida.

Definição da democracia

Há dias, segundo se podia ler num jornal francês, um deputado socialista belga caracterizou a democracia, sem querer, magistralmente, referindo-se à situação (que se pode muito bem comparar a um beco sem saída) em que se encontra o seu país. Dizia o tal deputado que a democracia é «um regime de guerra civil pacífica» — e esta sentença era formulada com um mixto de admiração e ternura...

Um regime de guerra civil: não há dúvida. A própria essência da democracia leva os homens a atirar-se uns aos outros. Partido contra partido—classe contra classe. A democracia não só cria divisões como ainda exaspera, irrita as que existem desde sempre, as divisões naturais.

O marxista belga acrescentava: «pacífica». Ora isso é que falta demonstrar, ou melhor, isso é que as realidades se encarregam todos os dias de desmentir. A guerra civil que implícita a democracia pode ser pacífica durante algum tempo. Mas degenera sempre em guerra civil a valer. A Espanha, por exemplo, que o diga...

«Homens livres»...

A França vai aprendendo, por experiência própria e à sua custa, a força dos milicianos vermelhos espanhóis, até há pouco seus dilectos «filhos espirituais»...

São às centenas os episódios edificantes e eloquentes que se passam com os refugiados.

Para descongestionar o enorme acampamento de Argelès-Sur-Mer, onde estão acantonados oitenta mil homens, a administração militar francesa resolveu estabelecer outros acampamentos, nos quais está construindo barracas de madeira.

Pois nem um só espanhol se prestou a dar uma ajuda naquele trabalho: declararam que eram «homens livres» e que não estavam dispostos a participar nas construções. E são os soldados franceses de engenharia que lá andam de prego e martelo em punho, enquanto os milicianos gastam as horas a flamar e a recordar as façanhas praticadas nas terras catalãs...

Cartas à minha Província

III

À-cêrca-da "Casa do Algarve"

Minha querida Província,

Vou hoje falar-lhe, sem grandes preâmbulos, das causas da triste situação em que se encontra presentemente a «Casa do Algarve em Lisboa». É certo que o meu Ex.^{mo} Amigo, Sr. Coronel J. Correia dos Santos, na entrevista que há dias concedeu a «O Algarve», de Faro, já disse à minha boa Província alguma coisa sobre este assunto; mas as palavras claras daquele seu ilustre filho, correspondendo à verdade, não traduziram, todavia, a verdade toda, a verdade completa, tal como eu entendo que a minha querida Amiga tem o direito de exigir que lhe digam e todos aqueles que foram ou são ainda, de qualquer modo, responsáveis pela orientação da C. do A., têm o dever indeclinável de lhe apresentar. Além disso, o que é prometido, é derido, e eu prometi contar-lhe aqui, em resumo, a história triste do seu grémio na capital; e prometi fazê-lo, porque julguei ser meu dever, principalmente depois de se tornar público o meu pedido de demissão do cargo que exercia na C. do A., vir explicar com lealdade e com franqueza, à minha querida Amiga, a forma como eu e os que me acompanharam, usámos do seu nome, durante quasi ano e meio, em que tivemos a honra e o prazer de pôr, desinteressada e lealmente, ao seu serviço, todas as nossas aptidões, toda a nossa boa vontade e dedicação, todos os laçeres da nossa vida profissional. Nem de outra forma, aliás, eu teria retribuído condignamente a atenção, deferência e até confiança com que a minha Província sempre me tem honrado!

Ora, minha boa Amiga, as causas da actual situação da C. do A. são mediatas e imediatas, podendo as primeiras enunciar, se assim: desinteresse dos algarvios e conseqüente falta de apoio moral e material; má orientação das Direcções, desde a própria fundação da Casa, e sistemático abandono dos respectivos trabalhos pela maioria dos directores, em gerências sucessivas, culto absurdo da «miséria doirada» e conseqüente recurso normal a expedientes de vária natureza, para manter o doirado falso de uma miséria verdadeira.

A pesar-de todo o entusiasmo com que, há precisamente oito anos, foi aí e aqui recebida a ideia da fundação da C. do A., pode dizer-se que ela teve de lutar, logo desde a primeira hora, com o desinteresse dos algarvios, pois na primeira assembleia geral efectuada já os dirigentes declaravam lastimando-se, que os recursos materiais ordinários da casa não chegavam para mantê-la e tinham que recorrer aos suprimentos feitos por um sócio; este desinteresse foi depois aumentando com o decorrer dos anos, a tal ponto que, nos últimos tempos, como muito bem dis-

se à minha boa Amiga o Sr. Coronel Correia dos Santos, de cerca de 2.000 sócios inscritos, apenas uns 300 diziam que pagavam quotas e destes ainda só uns 150 na realidade as pagavam, dando em resultado uma receita normal que, nem com o auxílio de todos os donativos e subsídios pedinchados à minha querida Província, chegava para cobrir metade das despesas certas da Casa, na situação e com as preocupações nem todas justificáveis em que vivia. Um dos motivos indiscutíveis deste desinteresse dos algarvios está no seu espírito naturalmente avesso o coisas colectivas, requintadamente individualista e até mesmo, por vezes, egoísta, no seu «feitiço» péssimo de só se interessar verdadeiramente por aquilo que lhe dá lucro material e grande e com pouco trabalho, nisso mesmo que faz com que toda a vida da minha boa Amiga, moral, social e até política, seja um destrambelho completo, um desgastado permanente entre tudo e todos, um «cada um a puxar para seu lado» que nada produz nem deixa produzir e só tem retardado de muitos anos o seu aliás merecido desenvolvimento e progresso; mas deve igualmente dizer-se, para se ser inteiramente verdadeiro e franco e leal, embora isso pese seja a quem for, que esse desinteresse dos algarvios pela C. do A. também tinha como motivo, e dos fundamentais, a má, a péssima orientação que as Direcções tomaram logo desde o início!

Como a minha Amiga deve estar lembrada, quando se fez a propaganda da fundação da C. do A., disse-se que esta seria, na capital, uma sua representante oficiosa para efeitos culturais e de propaganda, pugnadora dos seus mais legítimos interesses até mesmo junto dos Poderes Públicos, e assim, de facto, ficou claramente definido nos Estatutos, em que se atribui à acção recreativa um papel secundaríssimo e não obrigatório. Ora o que é certo é que, desde a primeira hora, as Direcções esqueceram-se do papel e missão principais da C. do A. e transformaram-na num simples centro recreativo, organizador de baillaricos onde as pequenas casadoiras procuravam, entre duas «rumbas» mais ou menos saracoteadas, um noivo galante e rico que livrasse os respectivos papás das suas gentis pessoas; duas ou três iniciativas de carácter cultural que foram tomadas e realizadas, como excepção que eram, só serviram para confirmar a regra geral e foram abafadas pelo ruído mais alto e contínuo das «matinées» dançantes e das «soirées raffinées» com chá e «Jazz». Então, os sócios que tinham procurado na C. do A. coisa diferente de uma simples sociedade recreativa como tantas outras, até mais baratas, existentes em Lisboa, quer os que a pre-

tendiam desinteressadamente, como baluarte do progresso e desenvolvimento da minha querida Amiga, quer os que interesseiramente esperavam da sua acção resultados práticos que, sendo em benefício colectivo, poderiam, indirectamente ser também em seu benefício pessoal, — abandonaram-na ficando apenas os amadores de baillaricos, a pouco e pouco por sua vez rareando em virtude da pouca frequência já não permitir boa escolha de noivos, e meia dúzia de carolas, últimos abencerragens da ideia original, cheios de fé em que ela triunfaria alguma vez. E tanto essa transformação anti estatutária da C. do A. influiu no desinteresse dos algarvios, que não só era frequente ouvir dizer aos sócios daí: — «Para dançarem, eles (os de Lisboa) que paguem!», mas também ultimamente, quando eu e o J. Fernandes Mascarenhas, apoiados pelo Sr. Comandante Macêdo e Brito e lutando com oposições mais ou menos veladas, conseguimos dar à Casa uma orientação cultural, alguns dos antigos sócios regressaram e muitos outros novos se inscreveram, registando-se, só de uma vez, após a inauguração dos «Estudos Algarvios», 75 novas propostas! E a falta de apoio moral por parte dos algarvios mais representativos também era conseqüência da mesma péssima orientação, pois quando começámos a dar à C. do A. feição cultural e de propaganda, reduzindo os «salsifres» à sua expressão mais simples, muitos desses algarvios não só voltaram a frequentar a sede em dias de conferências ou sessões comemorativas, mas acederam prontamente a colaborar nos nossos empreendimentos, alguns com frases tão expressivas como esta: — «Agora, sim, podem contar commigo; até aqui desintressei-me, porque não me presto a colaborar em fantochadas!»

A má orientação das Direcções não esteve, porém, apenas na transformação da C. do A. em mera sociedade recreativa, desprezando por completo a realização dos objectivos fundamentais do grémio. Foi mais longe, foi mesmo ao campo administrativo e isso também logo desde o início. Um ano após a fundação, quando já se dizia na assembleia geral que a casa não tinha recursos para manter-se, as gerências permitiam-se o luxo de conceder, às Misericórdias da minha Província, subsídios no valor de alguns contos de reis! E depois, à medida que as receitas normais iam, diminuindo, as gerências iam por outro lado, aumentando as despesas obrigatórias: deixou-se a sede da Rua do Alecrim, quando o dinheiro já não chegava para a renda, para se ir para a Rua de Santa Maria pagar renda mais cara; deixou-se a casa da Rua de Santa Maria, quando as receitas continuavam a dimi-

nuir, para se ir para a Rua do Regedor pagar o dobro da renda! E o que se alegava, fundamentalmente, para as mudanças, era que a C. do A. não podia passar, para sua honra, minha boa Amiga, sem uma sede com ricos e grandes salões de festas!

Este verdadeiro culto da «miséria doirada», preocupação constante e única de apresentar aquilo que não existia na realidade, aliado ao abandono dos trabalhos por parte da maioria dos directores, contribuiu para a triste situação da C. do A. tanto ou mais do que o desinteresse dos algarvios, único motivo que sempre se tem apontado. Foi o abandono por parte da maioria dos directores, em gerências sucessivas, que permitiu todos os casos tristes ocorridos há dois ou três anos com foros de verdadeiro escândalo, os quais só não se repetiram depois porque houve um «carola», minha querida Amiga, que sacrificou até a sua vida profissional para passar as noites e os dias numa assistência permanente à sede, que hoje só dois ou três são capazes de apreciar e os próprios desertores parece que já esqueceram; foi o culto da «miséria doirada» que obrigou ao recurso da pedinchice sistemática e já a assumir foros de imoral junto da minha Amiga, e levou também ao recurso dos suprimentos constantes do Sr. Dr. Humberto Pacheco, que ultimamente ascendiam já a mais de duas dezenas de contos, numa quasi exploração indigna da dedicação incontestável e incontestada, embora nem sempre orientada no melhor caminho, daquele sócio e director.

Preguntará, e com razão, a minha boa Amiga: mas se os recursos normais da Casa, como disse o Sr. Coronel Correia dos Santos, não iam nos últimos anos além de 1.800\$00 ou 2.000\$00 mensais, porque se insistia em ter instalações mais caras, pelo menos enquanto, por uma mudança radical na orientação do grémio, se não obtivessem maiores receitas?; por que se insistia em tal orientação, se ela levava a um deficit só coberto pelo recurso ao suprimento dos sócios, num aumento crescente do passivo da Casa? Apenas porque salões mais ou menos fastuosos ou simplesmente com dimensões razoáveis custavam caros em qualquer ponto do centro da baixa da cidade e, fóra desta, dizia-se, mais ou menos convictamente, mas sempre contra a minha opinião e a do J. Fernandes Mascarenhas e do Sr. Comandante Macêdo e Brito, os sócios não frequentariam a sede. Ora o que é certo, minha querida Amiga, mesmo pondo já de parte o critério tão discutível, e por mim tão discutido infrutíferamente, de ter salões grandes quando o dinheiro mal chegava

Informações

Conforme Portaria publicada no «Diário do Governo» de 14 do corrente, foi estabelecido o serviço de emissão de vales do correio na Estação Telefone-Postal da Luz de Tavira.

No «Diário do Governo», de 13 do corrente, foi posta a Concurso pelo prazo de 15 dias a Tesouraria da Fazenda Pública, de Tavira.

Foi prorrogado o prazo da liquidação da firma J. Cansado e Cta., desta cidade.

Mande executar os vossos impressos na TIPOGRAFIA SOCORRO
Telef: 59—Vila Real de Santo Antonio

para pequenos e modestos e nem sequer a frequência da sede pelos sócios as justificava, o que na realidade se verifica é isto: a maioria dos sócios da C. do A., quando esta fechou, foi inscrever-se na Liga Regionalista, cuja sede é bem longe da baixa, na Rua da Boa Vista, ao Conde Barão, onde uma noite destas fomos encontrar quasi todos os assíduos frequentadores do nosso antigo grémio!

Aqui tem, minha querida Província, as causas mediadas da derrocada da C. do A.; aqui as tem, expostas com toda a lealdade e franqueza, sem rodeios nem metáforas que as tornem mais suaves e menos agraves, mas que lhe turvariam a limpidez. As causas imediatas, essas ficam para outra oportunidade, quando contar-lhas venha a propósito na nossa conversa, pois não quero estar a maçã-la com longas e frequentes estiradas sobre o mesmo assunto, precisamente na altura em que outros assuntos, bem mais interessantes, prendem a nossa atenção.

E, por hoje, nada mais. Seu amigo e admirador,

Antero Nobre

Lisboa, Março, 12.

Em minha opinião, a existência da Casa do Algarve em Lisboa (não me refiro a uma qualquer) é um imperativo moral para nós, algarvios. Para a que existia, contribui enquanto me pareceu que dalguma coisa servia; quando perdi as ilusões, afastei-me.

Vem o Sr. Dr. Antero Nobre, n'esta carta, confirmar com factos, o que eu pensava. Mas o que se torna preciso é levantar a Casa do Algarve novamente. Reconstituí-la nas suas verdadeiras funções. Orientá-la no bom caminho, torná-la um centro de propaganda cultural, turístico e comercial do Algarve; estou certo que, nestas condições, não lhe faltarão os auxílios necessários dos algarvios. O que é preciso é que a sua frente estejam homens e não, apenas, nomes.

Há em Lisboa uma verdadeira elite de algarvios. Por que não os vão buscar?

Desde que seja para trabalhar a sério pelo Algarve, eles não se recusam, certamente.

Não conheço pessoalmente o Sr. Dr. Antero Nobre. Mas conto no numero dos meus amigos, os Srs. Coronel Corrêa dos Santos e J. Fernandes Mascarenhas.

Porque não metem mãos à obra, trazendo para a Casa do Algarve esses algarvios que, vivendo em Lisboa, dela se afastaram, exactamente por não concordarem com esse chinfrim de «Agencias de casamentos» e quejandas coisas a que se refere esta carta?

Neste incitamento eu não me dirijo só aos meus comprovincianos que acima cito. Outros mais há e que eles, lisboetas d'adopção, melhor corhecem.

Mãos à obra. Não importa o luxo da sede, nem a ausencia de bailes e reuniões. Que a Casa do Algarve cumpra é o que se torna necessário. E, desde já, podem os organizadores contar com o modesto mas desinteressado auxilio deste semanário.

J. B. S.

União Nacional

Uma série de conferências culturais

III

Filosofia Social e Política

1—Determinantes longínquas e causas próximas do demo-liberalismo.—O século das luzes e as consequências políticas do Contrato Social.

2—Origens, características e consequências da Réforma no domínio social e no domínio político.

3—Revolução francesa—Parlamentarismo.

4—Democracia e demofilia.

5—Antagonismo entre o espirito enciclopedista dos sistemas demo-liberais e a especialização técnica exigida pela vida moderna.

6—Capitalismo, industrialismo e marxismo e a concepção naturalista do Homem.

7—Refutação do materialismo histórico.

8—Crítica ao socialismo utópico dos idealistas e do socialismo revolucionário dos marxistas.

9—Origens filosóficas do comunismo—Génese da doutrina económica do comunismo—O comunismo é, conforme a afirmação de Salazar «a síntese de

todas as revoltas tradicionais da matéria contra o espirito e da barbaria contra a civilização».

10—Refutação dos erros do liberalismo e do socialismo, à luz da clássica distinção entre indivíduos e pessoas.

11—Crítica do individualismo e análise das suas consequências sociais e políticas—Os Direitos da família e os Deveres do Homem. A posição da Família no Estado.

12—Aspectos sociais da Constituição do Estado Novo. Princípios do Corporativismo português.

13—Características da organização corporativa portuguesa.

14—Características do Estado português em face dos outros nacionalismos—A política subordinada à ética.

15—A mulher na ordem nova.

16—Os conceitos da Autorida-

de e do Estado. A função da propriedade e o conceito do Trabalho. O problema do salário e condenação da usura.

17—Exposição e definição do verdadeiro conceito do Bem Comum, o elemento indispensável do interesse nacional.

IV

História Nacional

1—A Constituição da Nação portuguesa como resultado das cruzadas do Ocidente. A Fé e o Império.

2—As Ordens religiosas ao serviço da Nacionalidade.

3—As Ordens religiosas e a sua influência nas Descobertas e nas Conquistas. A sua missão civilizadora. O Trabalho nos domínios. Missões.

4—A deformação da História iniciada no século XIX. A História ao serviço da Revolução liberal.—Quebra da unidade nacional. A anarquia mental. A geração de 70 e o significado do isolamento da vida pública. A tentativa de Oliveira Martins e a lição que encerra.

5—Desorganização económica e financeira. Decomposição mental e política.

6—As Ditaduras no regime demo-liberal.

7—O Exército na Monarquia liberal. Incompreensão da reconquista e da ocupação africana. O Rei e Mousinho. As cartas de Mousinho.

8—Os regimes baseados em conceitos errados do homem e da Sociedade desiludiram sempre os que sinceramente os serviram no período de propaganda.

9—O alto sentido civilizador do Acto Colonial português.

10—A *Luzitanidade*—lançamento d'este termo e explicação do seu significado histórico. Uma das mais antigas nações da Europa que levou a cabo as mais belas façanhas da História de todos os povos «dando novos mundos ao Mundo».

Monte-Pio Artístico Tavirense

A Direcção da Organização Nacional «Defesa da Família», Instituição oficial de beneficência da inteligente chefia do seu digno Secretário-Delegado, Ex.^{mo} Sr. Dr. António de Sousa Gomes, acaba de remeter à Direcção daquele Monte-Pio a quantia de Esc. 318,72 para pagamento das cotizações em divida por alguns sócios que iam ser excluídos da Associação, por não poderem pagar as cotas em virtude da crise por que tem atravessado a classe operária.

A Organização Nacional «Defesa da Família», prometeu liquidar as cotizações dos Associados absolutamente necessitados que estavam em idênticas circunstâncias, para lhes salvaguardar os direitos adquiridos naquele Monte-Pio, a assistência médica, medicamentos, subsídios na doença e na invalidez.

A Direcção do Monte-Pio Artístico Tavirense, pede-nos que tornemos público o seu maior reconhecimento e o dos seus associados, pela importante obra de previdência realizada na nossa cidade pela Organização Nacional «Defesa da Família».

Assembleia Geral Ordinária

Convoco os srs. Associados a reunirem-se na Sede Social em sessão ordinária, pelas 20 horas do dia 22 de Março de 1939 com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º—Discutir, aprovar ou rejeitar o Relatório e Contas da Gerência de 1938 e o Parecer do Conselho Fiscal.

2.º—Apreciar os actos da Gerência e deliberar a tal respeito.

Não comparecendo numero legal de sócios para a Assembleia poder funcionar, fica desde já marcada nova reunião para o dia 29 de Março de 1939, à mesma hora, no mesmo local e para o mesmo fim.

Na Sala das Sessões estarão patentes aqueles documentos para serem examinados pelos Srs. Associados, durante 15 dias a contar do dia 6 do referido mês.

Monte-Pio Artístico Tavirense, em 28 de Fevereiro de 1939.

O Presidente da
Mesa da Assembleia Geral

(a) João Francisco Leiria

Esclarecimento

José Agostinho Senior e José Agostinho Junior, esclarecem que, na discussão que tiveram com o Sr. Manuel José Carneira, na A. G. da Casa do Povo da Conceição, não proferiram quaesquer frases que podessem ofender a honestidade deste seu conterraneo.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Postais ilustrados

Da acreditada papelaria José Maria Santos, agente do nosso jornal, nesta cidade, recebemos a oferta duma interessante coleção de dez postais ilustrados com lindos aspectos da nossa terra. A edição que foi feita por aquela firma está primorosa.

Os nossos agradecimentos.

Leite de vaca

Puro vende-se na Horta das Canas—TAVIRA.

Teatro Popular

Apresenta no filme base do espectáculo de hoje o grande trágico da tela, de jogo fisionómico admirável Charles Boyer desempenhando magistralmente o protagonista de *O Veneno*, superprodução francesa em 9 partes.

Espectáculo arrebatador, versado na obra de Henri Bernsteim, é uma história de amor e sacrifício que se desenvolve em Montparnasse e se segue com muito interesse emocionando a passagem da invejável felicidade para a tortura constante.

Michele Morgan, que é um encanto contraccena duma forma notavel com o prestigioso Charles Boyer imprimindo realismo e espiritualidade às cenas de amor que repreenta.

Em complemento exhibe se o filme de aventuras em 7 partes *No reino da Selva*, com uma esplendida interpretação de Noah Beery Jr., rival de Tarzan.

O seu entreccho tem inicio num laboratorio experimental para a descoberta dum soro contra a paralisia infantil.

Venda de propriedade rústica

Vende-se o «Pomar do Pombó» no sítio da Asseca, freguesia de Santo Estevão, concelho de Tavira, pertencente aos herdeiros de José Pires de Jesus. Recebem-se propostas em carta fechada até às 12 horas do dia 26 do corrente mês de Março, na farmácia Aldomiro de Sousa, em Tavira. Podem também ser entregues ao solicitador Cordeiro Peres.

Grandiosas Festas da Semana Santa

EM FARO

Promovidas por uma Comissão que se propõe, com a assistência moral e material das Ex.^{mas} Autoridades Eclesiásticas e Civis

DIA 30 DE MARÇO (Quinta-feira)

Procissão da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco (Dores)

DIA 31 DE MARÇO (Sexta-feira)

Procissão de N. S. Jesus dos Passos

DIA 2 DE ABRIL (Domingo de RAMOS)

Procissão da Venerável Ordem Terceira do Carmo (Ramos)

SEXTA-FEIRA (7 de Abril)

Procissão do Entêrro do Senhor

Saindo da Igreja da Misericórdia à noite

Havendo na Sé Catedral, todas as cerimónias próprias da SEMANA SANTA, com a maior pompa e brilhantismo

Uma carta

O nosso patricio, antigo colaborador, «Justino Augusto», escreve-nos amudadas vezes, encimando as suas noticias, sempre benvindas, com a nota «particular e reservado, para nos apresentar alvitres, a bem de Tavira, dirigindo-nos incantamentos, quando concorda ou manifestando o seu desacordo.

E também castigando com ironias certas fraquezas de alguns patricios. E fecha sempre as suas cartas com esta outra nota: «Esta carta não tem resposta».

Já temos sentido tentações de fugir ao «particular e reservado». Mas desta vez é que não resistimos. Serve até para que certos «patricios» comparem as suas atitudes com as deste «exilado», sempre na brecha quando se trata de defender os interesses da cidade, cujos habitantes ele desejava que formassem um bloco unico com a mesma finalidade.

Pela décima milionécima vez aqui me tem a bater à porta do seu «Povo Algarvio». Agora é para lhe agradecer a leitura da carta de Antero Nobre—que não conheço, ignorando se é doutor em Direito ou em Letras. Dêe somente sei isto: fez vibrar, há poucos minutos, as cordas mais altas do meu sentimento, excitadas por aqueles «*achaques da velhice*» de que falou Shakespeare, no estafado monólogo do Hamlet—«Ser ou não ser, eis a questão».

Pois é verdade: a carta daquele algarvio—que ignoro se é illustre, mas que, pela certa, é um excelente patriota—comoveu o meu já crónico nacionalismo e moralismo. As suas palavras, impregnadas dum espirito que está em completa harmonia com o seu apelido, revelam sentimentos de Justiça, pura, cega e surda; e de Amor fraterno, digno e são! Sacudiram-me os nervos até ao ponto de me sentar, na cama, para lhe dizer, por escrito—muito obrigado ao seu jornal!

Que gozo eu tive ao ler e meditar nas palavras de Antero Nobre,—dois nomes maviosos,—o primeiro, a lembrar os sonetos, encantadores, e profundamente filosoficos, do grande desventurado que se perdeu na vareda interminável do Nirvana; e o último, os caracteres dignissimos dos fidalgos puros dos tempos que já passaram e podem ainda vir nesta quadra de resurgimento salazarmente esperançosos!

Diz o autor das «Cartas à minha provincia»:

«Como eu gostava, minha querida amiga... de voltar ao teu seio».

Este foi o sentimento de toda a minha vida! Que saudades me pungem dos anos em que a minha ambição, constante, foi obter uma transferência para a comarca de Tavira! Cheguei a oferecer, em troca dum «oficio» trinta contos da moeda actual (1.500.000, ouro).

—De onde te vinha essa dinheirama toda, pensará V. Ex.^a.

—Dum crédito que me foi aberto por José Rodrigues Centeno, tavirense respeitabilissimo que paternalmente me estimou.

Veja, agora, a minha infelicidade, ou antes a sorte alheia: Um colega, que já faleceu, tendo prevaricado, deram-lhe, por castigo, a transferência para a cidade do Séqua!

Perdida aquela esperança, estive muitos anos sem, ao menos, poder ir passar umas férias nessa cidade, contido pelo dever de respeitar o orçamento da minha despesa,—para conservar as mãos limpas... Mas nem aquele desejo pude satisfazer! E recordei (quando, alguns anos depois, o caminho de ferro do Vale-do-Sado por aqui passou) que muitos dias subi ao cume duma colina, para ver seguir o «rápido», indo nele a minha alma, por montes e vales, a perder se nas brumas levatinas.

Veja ainda: só 40 anos depois do meu desterro, sentenciado pelo Destino, pude ir passar 4 dias na minha terra! Já lhe con-

ESCOLA
Comercial Portuguesa
POR CORRESPONDENCIA
Rua do Arsenal, 54-3.º LISBOA
Fundada em 1930
e ao abrigo do Decreto 23.447
Habilitação garantida para

Guarda-livros
em 8, em 12 ou em 20 meses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

Quadro de Honra: alguns distintos alunos

N.º 25

Sr. Josué Rodrigues Rosa—Garvão
Sr. Daniel Cardoso Dias—Lamego.
Sr. Alvaro M. Silva Nogueira—(Fundão).
Sr. José dos Santos Rolão—Fuzeta.
Sr. Ventura Manita da Cruz—Olhão

(Iremos publicando mais nomes nos números seguintes.)

Cursos de Escrita, Contabilidade, Estenografia, Dactilografia, etc.

Peça grátis o nosso livro de propaganda que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, de Lisboa, Porto, Provincias, Colónias e estrangeiro, etc.

Se lhe fôr possível recorte e envie-nos este anuncio.

Agente no Algarve: Para informações e matriculas, Sr. Alvaro Correia de Carvalho, Avenida da Republica, n.º 128, OLHÃO.

Agradecimento

Maria do Nascimento Patricio, suas filhas, genros e netos, veem muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que acompanharam a sua última morada o seu saudoso marido, pai e Avô.

Assine o «Povo Algarvio»

teu prezado amigo, o que senti ao pisar, em Tavira, a larga e nova rua da estação ferro-viária—minha inteira desconhecida—; e como recordei o gesto de Ulisses, ajoelhado na terra da sua adorada pátria.

Continuarei a transcrever do dr. Nobre:

«Tem a minha boa Amiga algumas imperfeições... só é motivo para que a amem mais e mais e mais se lhe dediquem e mais por si trabalhem com desinteresse e lealdade».

Lealdade! Que é como quem diz: a vila A, engrandecendo-se com os direitos, antigos, da irmã B, procede indignamente; e a aldeia C não deve prosperar, pela intriga, à custa da cidade D; etc.

Toda a gente sente os horrores, sem par nem medida, da guerra—um flagelo que Deus, muitas vezes deixa reinar, diabólicamente, para castigo dos grandes Egoistas. Pois o contrário daquela moral é que origina a luta europeia, da era presente—num «tira-te tu para eu me pôr»...

Ora isso será humano, mas pela certa, não é cristão!

E muito mais pensei, muitissimo mais, na ância, antiquissima, de ver reinar a Paz entre os homens, «todos de boa vontade», estimando-se como irmãos, conscienciosos, isentos de ambições ilegítimas, sem desejos inconfessáveis,—em que todas as localidades sejam filhas da Mãe-Pátria,—e nunca *enteadas* a receberem agravos em troca da lealdade preconizada pelo dr. Antero Nobre.

Peço-lhe, pois, que continui no seu valioso, e bem intencionado periódico, a pregar a sã doutrina a «Bem da Nação», a ressuscitar, nesta quadra feliz, comemorativa de dois centenários, no interesse do nosso Algarve—encantador e desconhecido—e de Tavira, a linda desventurada...

Adeus. Esta carta não tem resposta.

Todo seu,
Justino Augusto

14-111-939.

PELA CIDADE

Semana Santa—Conforme já noticiámos percorre a cidade uma Comissão encarregada de angariar donativos para as solenidades religiosas da Semana Santa. E' de esperar que todos os católicos contribuam com o seu óbulo para honra e brio da nossa terra. Caso nos seja possível publicaremos a lista das pessoas que contribuíram. A Comissão está animada da melhor vontade em dar o maior brilhantismo a todas estas grandiosas solenidades pelo seu significado.

Dia de S. José—Realizam-se hoje no Hospital desta cidade as tradicionais Festas a S. José. A's 13 horas, na respectiva Igreja, será resada uma missa. O Hospital estará aberto ao publico desde o fim da missa até ás 16 horas. A esta hora proceder-se-á á distribuição dum bôdo aos pobres promovido pela Comissão de Senhoras Protectoras do Hospital.

A missa é mandada dizer pela Direcção da Santa Casa da Misericórdia a quem pertence o Hospital.

Nossa Senhora das Dores—Inicia-se no próximo dia 24 do corrente o Setenário em honra da Nossa Senhora das Dores, na Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, desta cidade.

Procissão de Passos—Realiza-se no próximo domingo dia 26 do corrente, a tradicional e pomposa procissão do Senhor dos Passos que sairá pelas 17 horas da Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco e percorrerá o itinerário do costume.

Em todo o seu percurso será acompanhada pela excelente Banda Municipal de Tavira, que executará algumas marchas fúnebres do seu vasto repertório.

Revista «Ponto e Virgula»—Começaram os ensaios desta interessante Revista, da autoria do nosso camarada de Redacção sr. Manuel Virgínio Pires, com música do maestro Herculano Silvério da Rocha.

A Revista que foi muito remodelada destina-se a acompanhar a «Embaixada Artística», que se projecta levar a diversos pontos do País.

C. A. P. I.—Na distribuição da 4.ª Campanha da C. A. P. I. coube 4.150.000 ao nosso concelho referente aos subsídios dos meses de Janeiro e Fevereiro, cujo rateio pelas freguesias foi o seguinte:

Cachopo, 112.750; Conceição, 312.750; Luz, 525.000; Sta. Catarina, 200.000; Sto. Estevão, 375.000; Sta. Maria, 650.000; S. Tiago, 1.975.000. Soma 4.150.000.

Aos interessados—Indicação dos dias para pagamento na Agência da Caixa Geral de Depósitos Credito e Previdência, desta cidade, aos aposentados militares, civis e pensionistas do Montepio dos Servidores do Estado no mês de Março:

Dia 27, officiais; dia 28, praças; dia 29, civis aposentados; e dia 30, pensionistas do Montepio.

Corridas de bicicletas—Promovidas pelo Diario de Noticias e Sports em colaboração com a União Velocipédica Portuguesa organizam-se em todos os concelhos provas de «Ciclismo Populares», para apuramento do campeão de cada concelho.

Só poderão correr individuos que nunca tivessem tomado parte em provas officiais.

Está encarregado da organização desta prova popular ciclistica para apuramento do az do pedal do nosso concelho o club desportivo local Tavira Gimnásio Club.

Esta prova realiza-se no pró-

Ministério da Agricultura

«Exertia dos Produtores Directos»

Tendo terminado o prazo para a exertia dos produtores directos, a Direcção Geral dos Serviços Agricolas chama a atenção de todos os interessados que não deram ainda cumprimento áquella disposição legal para a necessidade de procederem immediatamente ao arranque de todos os produtores directos, com excepção dos que servem, com caracter ornamental, de cobertura de pátios e junto das casas de habitação.

A partir do mês de Abril próximo as «Brigadas Móveis de fiscalização do plantio da vinha» vão iniciar uma rigorosa fiscalização, procedendo ao arranque dos produtores directos por conta dos infraçtores e enviando as participações ao Tribunal respectivo para a applicação das penalidades estipuladas na Lei.

Edital

João Simões Quintas Junior
Engenheiro Chefe da 5.ª Circunscrição Industrial.

Faço saber que Firmino Antonio Peres requereu licença para a exploração de uma serração e trabalho mecanico em madeiras, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incendio, na Rua do Monte Alvão N.º 24, da freguezia de S. Tiago, concelho de Tavira, distrito de Faro, confrontando ao norte com Rua Monte Alvão, ao sul com Horta de El-Rei, ao nascente com armazem de herdeiros de Sebastião da Cruz e ao poente com o requerente.

Nos termos do Regulamento das Industrias Insalubres, Incomodas, Perigosas ou Toxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição; com sede na Rua de Santo Antonio N.º 103. Faro e Secretaria da 5.ª Circunscrição Industrial, em 9 de Março de 1939.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Junior

Agradecimento

Sendo-nos totalmente impossivel agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se interessaram pela saúde de Rui Ferreira durante a sua doença, vimos, por este meio, manifestar-lhes o nosso profundo reconhecimento, e considerando nos devedores de atenções que jámais esqueceremos.

A Familia de Rui Ferreira

Acções

Das Companhias de Pescarias compra Joaquim Pires de Matos, Informador Fiscal—Tavira.

ximo dia 22 do corrente com o itinerário—Tavira—Altura—Tavira.

As inscrições que se encontram na sede do Tavira Gimnásio Club e espalhadas por diversas montras encerram no dia 20 do corrente.

Ensaio—Orfeon—3.ª e 6.ª feira para os seguintes naipes: 2.ª contraltos, baritonos e baixos.

5.ª feira para os 1.ª contraltos, 1.ª e 2.ª tenores, na Sociedade Orfeónica.

Ponto e Virgula—2.ª, 4.ª e sabado, no Teatro Popular.

A hora a que principiam todos os ensaios é ás 21,30.

Noticias Pessoais

Aniversários

Fizeram anos:

Em 14—D. Elisa Lopes da Costa.

Fazem anos:

Hoje—Os srs. Capitão Eduardo José dos Santos, José António da Tridade Contreiras, Alfredo Pires Faleiro, Domingos José Soares, Eduardo Viegas Carapeto e a Mle. Maria José Pires.

Em 20—D. Maria Laura Correia Soares e a Mle. Maria do Carmo Araujo Oliveira.

Em 21—Dr. Manuel Simões da Costa e a menina Maria Manuela Tavares Galhardo.

Em 22—D. Maria Francisca Xavier da graça Horta e os srs. Capitão Leonel da Costa Lopes, Emidio do Carmo Chagas e Carlos Trindade.

Em 23—Mle. Maria Isabel Alves Leandro.

Em 24—D. Maria Germana Neves Melo Braz e D. Beatriz Viegas Conceição Monteiro.

Em 25—D. Francisca da Encarnação Parreira Gonçalo e Mle. Maria Fernanda da Encarnação Pires.

Registo de Nascimento

No dia 16 do corrente, teve lugar na Conservatória do Registo Civil desta cidade, o registo de nascimento duma filha do sr. Franklin Marques.

A neonita que recebeu o nome de Maria Luiza foi apadrinhada pela tia materna D. Maria Lopes Rodrigues e o sr. Julio José Vieira Gonçalves.

BANDA MUNICIPAL DE TAVIRA

Concerto de Domingo das 16 às 18 horas

I PARTE

Artur Santos—P. D. . Chicoria
Crisálida—Abertura . M. Ribeiro
Rusticanela—Canção . Cartopassi
Werther—Opera. . Massenet

II PARTE

Marche aux Flambeaux . Meyerbeer
Caprichosa-Polca de C. Fernandes
La Oreja de Oro—P. D. S. Miguel

Farmácia de Serviço

Encontra-se de serviço urgente durante esta semana a Farmacia FRANCO.

Enciclopédia Histórica de Portugal

Recebemos o volume 10.º desta interessante e bem organizada obra.

A «Enciclopédia Histórica de Portugal», conservando sempre o seu elegante aspecto inicial, de volume para volume tem melhorado o seu recheio, as suas illustrações, ao mesmo tempo que vem aumentando o seu numero de páginas. O 9.º foi distribuido com 286 páginas, o 10.º à vista sobre a nossa banca de trabalho, appareceu com 356,—mais 70,—o que é considerável para uma obra de preço módico, destinada ás estantes de todas as classes, mas especialmente ás de modestos recursos.

O volume 10.º regista o que de mais notável poderá encontrar-se entre as palavras *Obidos e Quintela*, com artigos de larga notícia sobre Odivelas, Oeiras, Olivença, Ormuz, Ourem, Ourique, Ovar, Pacheco, Paço de Sousa, Padroado do Oriente, Pais (Gualdim e Sidónio) Palmela, Passos (José e Manuel) D. Pedro (I a V e infantes) Penafiel, Penamacor, Peniche, Pereira, Pernambuco, Peso da Regua, Pina Manique, Pombal (Marquês e vila) Ponta Delgada, Portalegre, Portel, Porto de Móz, Queluz, etc.

Além dum belo repositório de conhecimentos para consulta e aproveitamento, a Enciclopédia Histórica serve tambem para leitura de recreio, prémios escolares e tornar-se-ha, depois de completa, um grande auxiliar do professor, do estudante e do jornalista.

Se frisarmos ainda que estamos em presença duma edição cuidada e elegante, nada mais precisamos de acrescentar para se compreender a simpatia com que a «Enciclopédia Histórica de Portugal», tem sido recebida pelo publico.

ANUNCIO

Faço saber que no dia 26 do corrente, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se ha-de arrematar, em terceira praça e sem valor, a quem maior lance oferecer os seguintes direitos:—PRIMEIRO—O direito a metade em um quinhão de terra de semear denominado «Cerca da Oliveirinha», quinhão este que se acha demarcado, situado nos arredores do Monte da Casa Nova das Cortelhas, freguesia de Cachopo, desta comarca. SEGUNDO—O direito à sexta parte em uma cerca no sitio do Monte do Lobo, freguesia de Cachopo, desta Comarca, denominada «Cerca do Poço».

Estes direitos são arrematados nos autos de execução por custas e selos que o Ministério Publico move contra Manuel Joaquim, menor, representado por seu pai Joaquim Inácio, solteiro trabalhador, residente no Vale de João Farto, freguesia de Cachopo.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Tavira, 13 de Março de 1939.

O Chefe da 3.^a Secção Int.^o

José Mateus Mendes

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

João de Deus Pereira

Vende-se

Uma casa no alto de S. Braz com armazem grande no rez de chão, quintal, palheiros, seis divisões no 1.^o andar e armazem anexo.

Nesta redacção se informa.

Armazem

Arrenda-se de cimento armado com 9x7 com varanda e quintal proprio para qualquer ramo de comercio situado no centro de Amaro Gonçalves.

Tratar com Francisco Pacheco de Mendonça.

Liquidação

Por efeitos de balanço, tem início no dia 1 de Abril a liquidação de tóda a existência de joias e pratas da

Ourivesaria Mansinho

TAVIRA

Propagai os vossos produtos no semanário
- regionalista: POVO ALGARVIO -
o jornal de maior expansão da Província.

Cunha & Dias, L.^{da}

8 - RUA DA LIBERDADE - 10
TAVIRA

Agencia da Tabaqueira
e da Fosforeira Portuguesa
Venda de tabaco e fosforos
aos melhores preços
Condições especiais
para revendedores

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na
Tabacaria Santos.

Paulino & Graça, L.^{da}

RUA JOSÉ PIRES PADINHA

TELEFONE N.º 41

TAVIRA

Os melhores
Artigos de mercearia
Excelentes
Chás e Cafés
Puro
Azeite do Alentejo
Lindas
Louças
Finos
Vidros
Bons
Talheres
Duráveis
Esmaltes e Ferros de engomar
Gostosa
Confetaria
Saborosos
Licores e Vinhos do Porto
Chique
Papel de Cartas
Variados
Brinquedos
Escolhida
Perfumaria das marcas—NALY,
BENAMOR, SANTA CLARA, TAI-
PAS, etc...
Sabonetes—Loções—Rouges
Batons—Pós de Arroz
Pastas Dentífricas
Cremes Dentífricos, etc...
Apreciáveis
Descontos aos Revendedores
Módicos
Preços

Drogaria Tavirense

DE
SOUSA ROSA & VICENTE, L.^{DA}

DROGAS e PRODUTOS QUIMICOS
Alcatrão, Pés louro, Qual-Tar, Sulfato de cobre e enxôfres
OLEOS, TINTAS, VERNISES e SECANTES

FERRAGENS NACIONAIS e ESTRANGEIRAS
FERRAMENTAS

ARTIGOS de BORRACHA
Tubos para irrigador, sacos para gêlo e agua quente

AGUAS MINERO-MEDICINAIS
Vidago, Melgaço, Pedras Salgadas, Castelo e outras

Perfumaria

Completo sortido das acreditadas marcas
NALY BENAMOR, SANTA CLARA, HARLESSE, TOKALON etc. etc.

Rua José Pires Padinha
TAVIRA

Aparelhos de T. S. F.
das melhores marcas
do mundo como sejam:

PONTO AZUL,
KÖRTING,
PAILLARD, etc., etc.

VENDE:

Francisco Padinha Raimundo
TAVIRA